

E esse sol só pode nascer dentro de nós...
(Mia Couto, *O Último Voo do Flamingo*)

Costuma-se nomear o sol sempre que do astro os olhos se abeiram, como se nesse instante ele fosse tão próximo como uma mão, uma árvore ou a rebentação de ondas na praia... Costuma-se falar do pôr-do-sol cor de fogo quando de África se fala... Enfim, costumamos deixar que algo se nomeie ou fale dentro de nós, como se a linguagem fosse um mundo que se abre naturalmente e independentemente de nós.

Mas não é habitual que o astro-rei faça a sua alvorada dentro de nós, fora do céu onde diariamente se pinta. E quando tal acontece, é como se a natureza cuidasse em guardar dentro de nós as suas raízes. Depois, é como se cada dia *aqui* se transformasse num dia de *lá*, como se a nossa terra se multiplicasse em muitas outras terras, sendo sempre a manhã de Lichinga que desperta, dizendo: *estamos juntos, juntos estamos...* É esse o sol que nasce diariamente dentro de nós: o Sol de Lichinga...

É certo que já conhecíamos a pobreza, mas ver é outra condição: a terra vermelha, as palhotas de adobe e colmo, crianças abandonadas, pessoas doentes... Mas o mais importante foram (e são) as pessoas! A força, a autenticidade, a coragem, o interesse, a astúcia, a criatividade; e tudo porque as manhãs se conotaram de oportunidades... Vale a pena acreditar, e é necessário afirmá-lo: na maior indigência, o ser humano nunca abandona a sua condição - a dúvida, o espanto, a capacidade de aprender, de se adaptar e de produzir ou recriar cultura. Enfim, qualquer sol é sol que amanhece, irrompe e deseja ardentemente fazer a luz brilhar.

Os nossos projectos de formação, quer na Escolinha quer na Machamba, foram bem aceites e desenvolvidos pelas pessoas de uma forma surpreendente, superando qualquer expectativa que pudesse existir da nossa parte. As educadoras ou «Titias» adoraram a ideia de planificarem sobre Cultura Moçambicana (Literatura, Pintura e Escultura), tendo-se mostrado reflexivas e bastante competentes na análise dos textos e quadros. Foi maravilhoso assistir a todo o processo de formação,

planificação e de leccionação; à capacidade interpretativa e recreativa das «Titias» e das crianças... E era ver e escutar crianças de cinco anos a saber recontar cantando estórias de Mia Couto, ou a teatralizarem e a pintarem a partir de contos de autores moçambicanos... Mesmo na Machamba, onde a instrução é menos do que diminuta, as pessoas, auxiliadas por nós, conseguiram reflectir sobre assuntos acerca dos quais nunca haviam pensado; e como se entusiasmaram: aprenderam o valor do colectivo e da ajuda que dão à construção do País; acolheram com alegria o *Dia das Ideias*, sempre à sexta-feira e depois da hora do almoço: momento de reflexão conjunta, de apresentação de ideias para melhorar o cultivo ou a criação de animais, onde todos têm direito de falar e de serem escutados. E no fim da formação, uma peça musical ganhou vida, ao ar livre, em cena na natureza ou na manhã que sempre nasce todos os dias em nós, e onde eles sempre cantam: *E eu e tu sabemos pensar / Quem sou, porque trabalho/Amanhã seremos mais e melhores...*

Suspiramos com a saudade... Falta-nos aquele céu azul ou estrelado tão próximo de nós... Falta-nos aqueles sorrisos, aqueles bons-dias em duplicado! Os capins amarelos, os distantes montes, a terra vermelha, as extensões onde a vista se perde e que nunca se esquece... Coisas que continuam, naturalmente, a amanhecer em nós: como se Lichinga fosse o Sol e a Irmã Ferreira, sua Guardiã...

Bem-haja o teu sol, Santa Paula, que em ti amanhecia como sóis de inúmeros lugares; é esse sol que são sóis que nascem dentro de nós...

Estamos juntos, estamos lá...

Daniela Gonçalves e João Hespanhol
(Voluntariado em Lichinga, Moçambique, Verão 2008)